Capistrano de Abreu anedótico . . .

Palestras no Instituto do Ceará

LEONARDO MOTA

I

(Sessão de 5 de Outubro de 1942)

Numa radiosa confirmação de que o Instituto do Ceará não é o "túmulo" que recentemente se afigurou a uns hospedezinhos mal agradecidos, nosso ilustre consócio e meu velho condiscípulo e dileto amigo Dolor Barreira deu-nos, na derradeira sessão de Setembro, meia hora de sugestivo entretenimento intelectual. Ouvimo-lo com proveito e com agrado, por que à prosa erudita de nosso 1°. orador oficial não faltam as graças estilísticas, ou os feitiços literários. E, enquanto o escutávamos a versar, com proficiência e em frase harmoniosa, o interessantíssimo tema "POR QUE NÃO ESCREVEU CAPISTRANO A HISTÓRIA DO BRASIL", acudiam à minha memória muitos episódios facetos que corroboravam afirmações de vários tópicos do seu discurso.

Ulteriormente, pude ter comigo os originais do trabalho de Dolor Barreira e, então, melhor, mais à vontade, anotei aqueles passos que evocavam lances anedóticos da vida de Capistrano de Abreu.

Onde está a verdade? Em que, deixando de se reportar à conjuração de Minas, Capistrano quis provar que se poderia escrever a história colonial do Brasil, sem mencionar sequer o nome de Tiradentes? Neste caso, a omissão foi voluntária, propositada. Mas Afonso de Taunay levanta uma ponta de véu, na confissão segundo a qual a nenhuma alusão à Inconfidência Mineira derivou da pressa com que foram elaborados os "Capítulos de História Colonial". Neste outro caso, como estais percebendo, a omissão foi involuntária, e não resultante de deliberado capricho de Capistrano. Onde está a verdade? — limito-me a, de novo, perguntar. E pingo o ponto nos *ii:* — no divertido livro "Martim Francisco III", narra-nos Afonso de Taunay

que, de uma feita, discutiam Capistrano de Abreu e o Martim Francisco Ribeiro de Andrada. O cearense procurou agastar o paulista:

— Você, Martim, é fantástico: — descobriu que Tiradentes não foi enforcado ...

O alvejado pegou o pião à unha:

— E não foi mesmo, não! A 21 de Abril quem subiu à forca foi um carpinteiro, de nome Isidro, e não o Alferes Xavier. Aliás, eu apenas escamoteei o Tiradentes do patíbulo... E você? Você escamoteou todos os Inconfidentes da História do Brasil ...

Virava o feitiço sobre o feiticeiro, quero dizer, quem se agastava era Capistrano:

— Você, Martim, é insuportavel ... Deixe-se de má fé! Estou farto de lhe repetir que meu livro "Capítulos de História Colonial" foi um trabalho abreviado pela curteza do prazo que se me deu para a sua entrega. Sistema brasileiro de encomendar grandes serviços, à última hora, para serem executados logo e logo ...

Não passo da indagação, mas esta me parece cabivel: — a omissão da Inconfidência Mineira foi de caso pensado, ou resultou de mero esquecimento?

* * *

Quantos conheceram Capistrano na intimidade e sobre ele tem escrito, são acordes na referência à sua insopitavel paixão da leitura.

Vergílio Brígido contou a Antônio Sales e este publicou em "Retratos e Lembranças" que, indo Capistrano passar uns dias na fazenda fluminense "Paraiso", levou no bolso uma antiqualha bibliográfica, pela qual muito se interessava. No trem leu-a quanto pode. Mas havia um trecho de estrada a vencer a cavalo, de uma estação ferroviária até à fazenda. Nessa estação, Capistrano era esperado por um pagem, que lhe levara a montaria. Apenas desembarcado, meteu o livro no bolso e cavalgou o lombo do animal, fazendo-o seguir pelos caminhos já do mesmo conhecidos. O pagem, que viajaria a pé, ainda ficou parolando numa roda, junto à estação. Minutos depois, demandando por sua vez a fazenda "Paraiso", o rapaz ficou surpreendido de encontrar, à margem da estrada, Capistrano de Abreu deitado de bruços na relva, lendo, absorto, o tal livro:

— Que é isso, Dr. Capistrano? Onde está o cavalo? Valha-me Deus! Onde está o cavalo?

E Capistrano, sem quase despregar os olhos do volume, cuja leitura o empolgava:

— Vai alí adiante ... vai alí adiante ...

Ainda a propósito do leitor insaciavel. Capistrano de Abreu não costumava fazer roupa sob medida. Evitava a maçada das "provas", adquirindo fatiotas já feitas. Informou-me o Dr. Jorge da Rocha que o viu, certa ocasião, no Rio-de-Janeiro, comprar um terno de casimira

na "Casa Colombo". O paletó era um aleijão. Demasiadamente frouxo, comportava talvez dois Capistranos. E as mangas eram curtíssimas. Observando-lhe sobretudo esse defeito, o Dr. Jorge ouviu como resposta:

— Sim, as mangas não são compridas, mas, em compensação, olhe os bolsos: — largos e fundos como eu nunca tinha visto outros! Menino, isto é que é bolso pra se guardar livro!

Ao que tambem me disse o Dr. Jorge, Capistrano figurou na comitiva de seu pai, Desembargador Moreira da Rocha, quando este, eleito Presidente do Ceará, visitou Belo-Horizonte, a convite de Raul Soares, Presidente de Minas.

Capistrano viajou com a roupa do corpo. Sua bagagem única era um pacote de livros. Chegou ao trem especial, encafuou-se num carro-dormitório, leu até ser vencido pelo sono, e, uma vez na capital mineira, trancou-se num quarto do hotel. Não houve quem se apercebesse de sua estada na terra montanhesa. Ao revê-lo, já o trem rodando, de regresso ao Rio, o Desembargador Moreira quis saber que impressões Capistrano trazia de Belo-Horizonte. E ele, com entusiasmo:

— Excelente cidade! Muito tranquila, muito sossegada, muito silenciosa! Esplêndida cidade para se ler!

Na descrição de Elói Pontes, «o gabinete de Capistrano de Abreu, no porão habitavel de sua casa, era aquilo a que Euclides da Cunha chamaria *uma opulenta desordem*. Ele lia estendido numa rede, como um cearense que se preza. À medida que ia lendo, atirava os livros, a esmo, no chão, pelos cantos, para a mesa, por forma que os volumes iam formando pilhas a que a poeira concedia extravagantes ornatos».

Dolor Barreira positivou que Capistrano tinha a paixão da minúcia. É o que tambem reconhece Elói Pontes: — «Conta-se que viajara do Rio para S.-Paulo, algumas vezes, *para tirar a limpo uma data* . . . Sei que ele inutilizou diversos escritos, por não ter podido apurar pequenos detalhes, que outros inventariam. Duma feita adquiriu um livro antigo por cento e cinquenta mil réis, para esclarecer pequena dúvida, o que fez folheando na rua o volume, e, uma vez satisfeito, deu de presente a obra ao amigo que a conseguira, depois de grande afã, e que lha trouxera ansioso.»

Tambem Assiz Chateaubriand fixou essa singularidade do "trapista intelectual" que se deliciava em dar livros: — «Todo estudioso ama a sua biblioteca, mas em Capistrano de Abreu um dos paradoxos mais interessantes era a indiferença pelo livro lido. Como o guardava na memória, o involucro material das idéias o desinteressava. Passava-o adiante e, se era alguma obra que o apaixonava e estava escrita em alemão, por exemplo, era frequente mandar vir a tradução francesa, para a presentear aos amigos do seu pequeno círculo intelec-

tual. Nunca vi um homem pobre, que vivia de recursos escassíssimos, dar tantos livros, como Capistrano.»

* * *

Entre as hipóteses (*"l'histoire, cette petite science hypothétique" . . .*), entre as hipóteses que Dolor Barreira aventou como concausas de Capistrano não ter escrito uma "História do Brasil", vimos incluida a de que o Mestre entendia ser impossivel a mesma sem a precedência de uma "História da Companhia de Jesús".

Volto ao livro "Martim Francisco III" e trago à baila que a admiração de Capistrano pelos Jesuitas ensejou ao velho Andrada muitos remoques contra o historiador nascido alí na maranguapense Columinjuba. É Afonso de Taunay quem depôs que, numa das turras habituais de ambos, Martim rugiu:

« — Quem se atreve a falar de coerência de idéias! Capistrano de Abreu, um cidadão simultaneamente ateu e fanático pelos jesuitas!

— Ateu, não senhor! Não confunda! Agnóstico, isto sim!

— Ateu! Tão ateu que por uma sua filha haver entrado para o convento, vive a pilheriar irreverentemente, inculcando-se sogro de Jesús-Cristo... E note-se: — ateu, mas supersticioso como um calabrês...

Com esta, Capistrano pousou o talher e intimou o antagonista:

— Considere-se convidado a por em pratos limpos a minha supersticiosidade!

— Provo-a, sim! Você conhece, de cor e salteado, os santos da folhinha. E não se contenta, por exemplo, em dizer que 24 de Junho é o dia de S. João Batista. Acrescenta, lampeiro, que no calendário cristão essa é tambem a data consagrada a Santo Aparício, São Felismino e Santa Radagásia . . .»

Aquí, Afonso de Taunay interveio, ratificando:

— Efetivamente, o Dr. Capistrano, ao datar as cartas que me escreve, gosta de apontar os santos oragos.

E Capistrano, entre dois fogos:

— Mero desfastio! Acho muito poético esse costume católico, aliás arremedado, macaqueado desassisadamente, por Augusto Comte.

Mas, inexoravel, Martim Francisco não aceitava explicações:

— Qual poesia! Pífia superstição, reles carolice . . . Compreenda-se isto: — um homem que diz graçolas de mau gosto com Jesús-Cristo, um homem que é capaz de perfilhar conceitos desairosos sobre o Papa, os Bispos e as diferentes Ordens Religiosas, mas que não tolera a menor restrição à benemerência dos seguidores de Santo Inácio de Loiola! Agora mesmo, saindo de seus cuidados, anda agremiando subscrições e doações para se construir um grande colégio de jesuitas em Baturité . . . Bela coerência a desse ateu . . .

Uma intromissão do meu bedelho. Imaginem os meus caros amigos do Instituto do Ceará de que *perversidade* seria capaz o estouvado Martim Francisco, se lhe caisse sob os olhos o jornal fortalezen-

se que, noticiando os exames de Filosofia, feitos no nosso Liceu, em Dezembro de 1874, registava, algo escandalizado, que o estudante Raimundo Antônio da Rocha Lima sustentara o determinismo de Spencer, João Lopes Ferreira Filho contestara a imortalidade da alma e João Capistrano de Abreu negara a existência de Deus ...

* * *

Não ouso perfilhar o conceito de Sílvio Romero, admitido e explanado por Dolor Barreira, de que faltasse a Capistrano capacidade filosófica para escrever uma completa História do Brasil ... Prefiro aceitar que ele jamais cogitou de tal cometimento. Não me atrevo a julgá-lo destituido de senso filosófico, mas responsabilizo a sua boêmia sem vícios como causadora de ele não nos ter legado um mais ponderavel acervo bibliográfico.

Apoio plenamente Dolor Barreira quando reflexiona que «a curiosidade do sábio absorve a iniciativa do escritor». Isso. Embebido, engolfado na "leitura permanente e ininterrupta", e (o que me parece não despiciendo) forrado de uma displicência ingênita e incoercivel que lhe não permitia nenhum entusiasmo pela publicidade, Capistrano deixou de dar-nos tudo quanto era esperavel dos conhecimentos de quem foi — no opinar daquele mesmíssimo Sílvio Romero — «o maior erudito em assuntos brasileiros que até hoje tem existido».

A indiferença de Capistrano de Abreu pelos cartazes da fama! Esquivou-se de figurar no elenco da Academia Brasileira de Letras, alegando que a única sociedade a que pertencia era o gênero humano, e isso mesmo por não ter sido previamente consultado ... E insinuado a compendiar em volume esparsos escritos de sua autoria, limitou-se a galhofar: — *A galinha não junta os ovos que vai pondo...*

* * *

Samuel Smiles gostaria de tomar conhecimento do fenômeno capistranesco, erguido exemplo de como a índole humana é susceptivel de imprevistos desconcertantes, clamante desmentido aos prolóquios segundo os quais "quem mal começa, mal acaba", "quem nasce torto, morre envergado", ou "pau que nasce torto, até a cinza é torta" ...

A meninice de Capistrano de Abreu esteve longe de autorizar o prognóstico daquilo que haveria de ser, decênios mais tarde. Erraria quem supusesse que ele sentiu sempre aquela fome de aprender, que dele fez um ledor insuperavel.

Em 1865, Capistrano estava na flor das doze primaveras (morreu com 74) e cursava o Seminário de Fortaleza. Mas o embatinado piralho devia mostrar-se refractário ao estudo.

Prestai atenção a esta notinha anexa ao termo de matrícula do pequeno seminarista: — «Em Julho de 1866, foi aconselhado ao Sr. seu pai que o tirasse, por algum tempo, a fim de o emendar de sua PREGUIÇA e VADIAÇÃO.»

Capistrano torcendo o beiço aos livros . . . Palavra em como só acreditei nisso, porque conheço a letra do Padre Pedro Chevalier . . .

* * *

Aproveito estar com a mão na massa, e refiro que, em 1938, andei coligindo o saboroso anedotório de Capistrano de Abreu, trabalho que, se Deus quiser e o Instituto consentir, refundirei em pequenas "palestras", cujos originais serão destinados à nossa revista.

Uma de minhas croniquetas deu que falar a um irmão do glorioso historiador. Vamos por partes. Acontece que, no ano anterior, eu havia lido e guardado gracioso ensaio de Leôncio Correia sobre Capistrano de Abreu. Nesse escrito, o literato paranaense atribuia ao filólogo cearense Fausto Barreto a narrativa de que o pai dele salvara Capistrano de pesado castigo corporal. A exposição do caso era crua, e eu amenizei bastante o relato. Aquí tendes, na minha meia lingua, o que escreví, então:

«Quem paraninfou a cerimônia de minha apresentação à pia batismal foi Antônio Carlos Barreto, pai do General Alexandre e do notavel filólogo Fausto Barreto. Capistrano queria, filialmente, a meu padrinho de batismo.

Deu-se o caso que, aluno, nesta capital, de um colégio em que era lente de matemáticas um sacerdote de queixo muito desenvolvido, o menino João Capistrano implicava com a matéria professada e, ainda mais, com o desconforme queixo do professor. Um belo dia, o mestre deu a cada discípulo a liberdade de se formular um problema e resolvê-lo. O problema de João Capistrano era concebido, mais ou menos, nestes termos: — «Se Sansão, armado de uma queixada de burro, matou trezentos filisteus, quantos de nós mataria o Pe. Fulano, com a sua queixada?» Expulso do educandário, o insubordinado — o "insuportavel" . . . — levou uma formidavel surra de seu pai. E ia a coça bem adiantada, quando providencialmente aparece Antônio Carlos Barreto e desarma o vigoroso braço do velho Jerônimo Honório, furibundo pai do castigado.

Capistrano de Abreu não esqueceu nunca essa intervenção caridosa e soube ser grato a quem o salvara da tunda paterna.

Várias dezenas de anos depois, no Rio, advem-lhe a notícia de que Antônio Carlos Barreto chegara, na véspera, à capital da República e se hospedara em casa de seu filho Fausto. A esse tempo, não sei por que, Capistrano se encontrava de relações rotas com o vernaculista; mas, ao ter ciência da chegada de Antônio Carlos, exclamou jubiloso:

— Vou jantar, hoje, em casa do Fausto Barreto!

Um amigo de ambos estranhou:

— Mas vocês não estão intrigados?

E Capistrano, altivamente:

— Estamos. Mas que tem isso? Vou jantar em casa dele, com o pai dele e não com ele . . .

No dia seguinte, o amigo mencionado indagava de Fausto:

— Então, o Capistrano jantou em tua casa, ontem?

— Jantou e, por sinal, só saiu de lá às 2 da madrugada. Abraçou-se com o velhinho e o beijou repetidas vezes, como nunca eu fizera. E monopolizou-o numa conversa de mais de OITO horas a fio, noite a dentro, fartando-se de notícias do Ceará . . .

Foi assim, por ter sido salvo do *Chico das Dores* por Antônio Carlos Barreto, que Capistrano de Abreu queria grande bem, queria um bem roxo ao padrinho do Leota . . .»

Disse que amenizei o relato. Efetivamente, vede que palavras Leôncio Correia põe na boca de Fausto Barreto:

«— Uma tarde, quando meu pai, que era amigo do velho Abreu, apeou do cavalo à porteira da fazenda, deparou um espetáculo que o forçou a estugar o passo. Amarrado ao tronco em que se castigavam os escravos, nu da cintura para cima, com as costas lanhadas escorrendo sangue, Capistrano era rijamente vergastado, sob os severos olhares paternos, por dois robustos e alentados negros. Meu pai, com insólita energia, bradou: — "Basta!" E, voltando-se para o inexorável mandador de tão terrivel castigo, indagou-lhe da causa. E o velho Abreu informou que o patife tinha desrespeitado um virtuoso sacerdote da Religião de Cristo. Merecia ir para a forca!

Com a piedosa intervenção do pai de Fausto Barreto, a punição foi suspensa. Mas, no dia seguinte, procurou-se em vão a Capistrano. Com uns magros mil réis no bolso, rumou para o Rio-de-Janeiro. Como? Ele jamais o revelou.»

Mas o certo, Sr. Presidente, o certo é que um irmão de Capistrano — o Sr. Sebastião de Abreu — não esteve pelos autos de minha croniqueta, mesmo suavizada. Endereçou-me uma carta que nunca publiquei e na qual incrustou uma outra que teria dirigido ao Dr. Plácido Castelo e este diz que nunca recebeu. Duplamente melhor, assim. Vai cheirar a novidade isto que sustenta o Sr. Sebastião de Abreu e é de evidente interesse histórico para a biografia de seu eminente mano:

«Sobral, Açude Forquilha, 21 de Julho de 1938.

Prezado Dr. Leonardo Mota

Estou habituado a ler o que o ilustre amigo escreve, livros e jornais. Antes de tudo devo dizer que não sou literato, ou cousa que o valha; leio, como admirador.

No "Correio do Ceará", nº. 7000, de sexta-feira, 15 do corrente, vi a sua crônica "O absurdo Capistrano e meu padrinho . . .", como já havia lido "Nosso Capistrano e as pimentas".

Tudo muito bem, exceto o final, a história de Leôncio Correia, publicada no suplemento do "Correio da Manhã", de 3 de Janeiro de 1937, cujo pedaço lhe envio.

A propósito, transcrevo aquí uma carta que enderecei ao Dr. Plácido Castelo, Redator-Chefe de "O Estado":

"Sobral, Açude Forquilha, 24 de Março de 1937.

Ilustre Amigo Dr. Plácido Castelo, digníssimo

Redator-Chefe de "O Estado"

Li no vosso conceituado jornal, de 25 de Fevereiro último, uma notícia de Leôncio Correia, talvez transcrita, incompletamente, do suplemento do "Correio da Manhã" de Domingo, 3 de Janeiro deste ano, sobre Capistrano de Abreu, e, como alguma cousa não é muito exata, tomo a liberdade de dirigir-vos esta, à guisa de contestação. Eram inteiramente desconhecidos da família os fatos aludidos pelo Sr. Leôncio Correia, de certo mal informado, pelo que passo a relatar o que houve, testemunhado por dois irmãos de Capistrano que vivem atualmente em Columinjuba. Capistrano viveu seus primeiros anos em Columinjuba, onde seu pai — Jerônimo Honório de Abreu — morava, e aprendeu as primeiras letras na Ladeira-Grande, pequeno arraial, distante dois quilômetros, com o mestre Luiz Mendes. Mais tarde, Capistrano matriculou-se em Fortaleza, no "Colégio dos Educandos", dirigido pelo Cônego Antônio Nogueira de Braveza. Estudou três anos, nos "Educandos", indo depois para o Seminário de Fortaleza e em seguida para Recife. Seu correspondente era João Batista de Castro, amigo do pai de Capistrano. Certo dia, Capistrano sai, sem ordem de Batista de Castro, e vai fazer uma visita a seu amigo Padre Vera-Cruz, resultando Capistrano ser repreendido pelo correspondente. Ferido em seu amor próprio, Capistrano dirige um bilhete descortês a Batista de Castro, que, ante o jeito desrespeitoso do *rebelde*, manda-o para o Ceará, para a casa paterna. Não houve o tal castigo corporal a que se refere o Sr. Leôncio Correia. O castigo foi Capistrano ficar no *cabo da enxada*, como disse Antônio Sales. Capistrano ficou dois anos em Columinjuba. Foi para o Rio, a convite de José de Alencar, a quem havia visitado na cidade de Maranguape, em casa do Coronel Joaquim José de Sousa Sombra, amigo da família Abreu. Capistrano levou para o Rio setecentos mil réis, produto da venda de um escravo, não tendo saido fugido, mas de acordo com a família. Como recomendação, levou uma carta do Coronel Tito Nunes de Melo, para seu irmão Paulino Nunes de Melo, que se achava na Capital Federal. Capistrano nunca deixou de se corresponder com a família, de quem sempre foi amigo. Foi por seu intermédio que ingressei na Inspetoria Federal de Obras contra as Secas. Muito grato ficarei, se perdoardes

o tempo perdido com a leitura desta carta de [ass.] *Sebastião de Abreu.*"

Como vê o ilustre amigo, a coisa é um pouco diferente. Como irmão de Capistrano, sou autoridade no caso. Aliás, é o único mérito que tem quem se assina: *Sebastião de Abreu.*»

* * *

A menção que o missivista faz de meu artiguete "Nosso Capistrano e as pimentas" me decide a logo aquí esclarecer que tal epígrafe justificava apenas uma pequena parte de meu escrito.

Grafei que, havia pouco, a escritora e poetisa *Sílvia Patrícia* (pseudônimo de D. Abiá Lopes, filha do jornalista João Lopes) rememorara, numa página de saudade sobre Capistrano de Abreu: — «Estou a vê-lo ou, antes, a revê-lo num passado já longínquo, em nossa casa, onde a sua presença era quase diária, amigo querido que de meu pai sempre foi. Sobre o seu aspecto desleixado — quanta vez refiz-lhe, a rir, o laço da gravata! — a barba hirsuta e o cabelo em desalinho, conservava, sob aquele ar meio selvagem, um sorriso quase infantil, o claro olhar daqueles que vivem *para alem do bem e do mal* . . . Se vivia a devorar livros, numa fome insaciavel, era extremamente sóbrio quanto à alimentação material. Vi-o, diversas vezes, almoçar pão com pimenta, petisco que ele assegurava ser delicioso . . .»

Que paladar exquisito possuia o emérito desencavador das origens nacionais! E Sílvia Patrícia deve ter dito a verdade, porquanto Antônio Sales testifica, tambem: — «Quando menos eu esperava, Capistrano me aparecia para almoçar comigo e, ao sentar-se, tirava do bolso um embrulhinho de papel de jornal muito machucado, contendo pimentas.»

Deploro não haver nunca apertado a mão gloriosa que traçou os "Capítulos de História Colonial". Informado de que Capistrano era de trato ríspido, a lembrança dessa advertência tolhia-me o ânimo, toda vez que, no Rio, eu experimentava a tentação de me apresentar ao egrégio cerebral.

Fartei-me, porem, de o ver, e assino de cruz tudo quanto se escrever a propósito do seu imenso desprezo pela correção da indumentária.

Leve-se à conta do ardume das pimentas *brabas* a apregoada impolidez das maneiras de Capistrano. Um homem que almoça pão com malaguetas, depois de ficar com o céu da boca em polvorosa, estraga o fígado e candidata-se, no mínimo, a proprietário de maus bofes.

O sobressalto de um insucesso de acolhimento foi causa de eu nunca me aproximar do Mestre, embora jamais deixasse de me descobrir, reverente, à sua passagem.

Arrependo-me, hoje, de não ter afrontado o perigo: — tardia-

mente eu soube que o grande cearense se babava pelos repentes dos cantadores plebeus, coisa em que, naquele tempo, eu era esfarinhado. Hei de referir-me a isso, em outra oportunidade.

Começando a trazer-vos meu "CAPISTRANO DE ABREU ANEDÓTICO", tambem e preliminarmente trago à vossa clara percepção que, consoante conceitua Luiz da Câmara Cascudo, «anedota está virando documento" e "muitas vezes, numa simples anedota, um homem vive na eternidade de um povo».

II

(Sessão de 20 de Outubro de 1942)

Sempre impliquei com as palestras em série, com as conferências a prestações ... Tenho a impressão de que o pouco ou muito, que o orador desembucha, sai aos pedaços, que nem rolha de ruim cortiça, ou nati-morto estraçalhado pelo fórceps. Mas o prazer de apor ilustrações alegres a uma judiciosa palestra do Dr. Dolor Barreira me trouxe à feitura desta e de uma terceira fala com que — se a vossa benevolência não bromar e o meu reumatismo continuar a me favorecer com a sua ausência — podeis considerar-vos ameaçados, na nossa primeira reunião de Novembro ...

* * *

Gravou-se-me na memória ter lido, há muitos anos, no "Jornal do Comércio", do Rio, um artigo de Afonso de Taunay, em o qual eram descritas animadas partidas de gamão entre Capistrano de Abreu e Martim Francisco.

Em 1937, quando de uma crise de paixonite por meu sempre inacabado "Adagiário Brasileiro", dirigí-me àquele polígrafo paulista, encarecendo-lhe a caridade de me enviar um recorte ou cópia do trabalho prefalado. Expliquei que as parlendas referentes a jogos estão inclusas na décima das catorze divisões gerais, em que o folclorista Leroux de Liny preconiza sejam os rifões distribuidos por ordem alfabética. Interessava-me conhecer os *relaxos* gamoníacos da gente do sul, mas confesso que não tinha forte confiança em que seria atendido.

Contra minha espectativa pessimista, fui mais do que satisfeito. Afonso de Taunay remeteu-me, com dedicatórias indulgentes, não apenas o livro "Martim Francisco III", em que era encontravel o que eu procurava, mas tambem sua grande e bela obra "A vida gloriosa e trágica de Bartolomeu de Gusmão".

Guiar-me-á grandemente nesta tertúlia de hoje o "Martim Fran-

cisco III", que presumo não encontradiço nas livrarias citadinas, nem nas bibliotecas de nossos literatos.

Capistrano de Abreu foi uma das grandes afeições de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, o agil filigranista e temivel panfletário dos livros "Rindo", "Contribuindo", "Viajando", "Gracejando" e "Revivendo", bem como dos inéditos "Advogando", "Escavando" e "Debatendo".

Capistrano e Martim foram amigos durante quase meio século. Vez por outra, Capistrano abandonava o Rio-de-Janeiro e ia espairecer na Paulicéia, quer na casa de Martim em S.-Bernardo, quer na do Dr. Domingos Jaguaribe Filho, à praia santista de S.-Vicente. Na comparação de Afonso de Taunay, o nosso Capistrano em casa de Martim Francisco *"era Tito Lívio em casa de Cícero ..."* Separados, os dois se correspondiam, com infrangivel assiduidade.

Não obstante a benquerança que os irmanava, tinham disputas tremendas, e, quando juntos, era infalivel que armassem controvérsias históricas. Havia algo que os diferençava: — para Martim Francisco não tinha segredos a crônica do Brasil Império, ao passo que Capistrano se mostrava inexcedivelmente versado em tudo quanto se relacionasse com o Brasil-Colônia. E, pirrônicos um e outro, faziam-se picuinhas, cada qual mais infantilmente empenhado em zangar o companheiro.

Quando Capistrano era hóspede de Martim Francisco em S.-Bernardo, o cozinheiro Saul — que Martim considerava "o maior dos brasileiros vivos" . . . — caprichava em mostrar os recursos e os prodígios de sua aptidão culinária. E o velho copeiro japonês Akiba niponicamente se desmanchava em mesuras, por servir a contento o historiógrafo cearense, a quem Vieira Fazenda, em revide à alcunha de *Tapera Velha*, apelidou de *Carirí Jaguaribara* . . .

Precisamente à hora do degustamento dos quitutes preparados por Saul e apresentados por Akiba, era que Capistrano e Martim se obstinavam em altercações, intervalando as garfadas com alfineteamentos recíprocos. Segundo o testemunho pessoal de Afonso de Taunay, «o desdobrar dos guardanapos valia por um cartel de desafio».

A propósito da benemerência do segundo Imperador, as discussões eram acaloradas. Martim zombeteava:

— Pedro II foi apenas um correto empregado público, bem intencionado e que levava a peito o cumprimento de seus deveres burocráticos. De inteligência medíocre, mas sujeito cabeçudo e mexeriqueiro . . .

Ouvindo isso, Capistrano protestava:

— Mexeriqueiro, não senhor! Não confunda! Bisbilhoteiro, isto, sim. E, se procurava informar-se da vida de todo mundo, era a fim de conhecer os tipos com quem tratava.

Martim insistia. Capistrano revidava, e Martim não ia alem da

concessão irônica: — o monarca deposto em 89 era honesto, um honrado funcionário, que fazia jus aos ordenados que abiscoitava.

E Capistrano, perverso, em evocações irritantes:

— Não era isso o que você dizia pela imprensa, quando o trono ainda não baqueara. A 15 de Novembro, você quis, até, queimar na praça pública o retrato de Sua Majestade, que figurava no salão nobre da Câmara Municipal de Santos. Foi Júlio Conceição quem evitou essa vingança mesquinha de você!

— Vingança ?

— Vingança, sim! Você, rancoroso, como é, nunca perdoou a Pedro II o fato de não ter feito seu pai senador . . .

A estas alturas, o bate-boca se azedava, a esposa de Martim — Dona Zé, o "quebra-mar" — intervinha, suasória, e os litigantes davam outro rumo à conversação.

A Martim Francisco exasperavam quaisquer juizos pejorativos sobre seus ancestrais, os Andradas. Capistrano sabia disso e não perdia ocasião de molestar o amigo nesse ponto vulneravel. Quanto a Capistrano, seu calcanhar de Aquiles era a ausência da conjuração de Minas nos "Capítulos de História Colonial".

Uma vez dialogavam:

— Não me explicará você, Capistrano, por que se recusou a tratar da Inconfidência Mineira nos "Capítulos de História Colonial"?

— Foi por que da Inconfidência eu passaria naturalmente à Independência e, por tanto, aos Andradas, para ter de dizer que eram tão parciais e apaixonados quanto você . . . Uma verdade eu sustento: — a sua inteligência é muito superior à de seu pai . . .

— Terei mais inteligência que meu pai, mas ele tinha mil vezes mais talento do que eu!

E Taunay explica: — «Era esta uma sutileza que Martim Francisco gostava de estabelecer. Admitia até que homens de talento fossem inteiramente destituidos de inteligência. Reservava a denominação de "talento" exclusivamente para a faculdade criadora, e a de "inteligência" para a acuidade de percepção.»

Por motivo das respectivas idades, Capistrano e Martim contendiam frequentemente. Em verdade, Capistrano nasceu a 23 de Outubro de 1853, e Martim Francisco a 11 de Fevereiro do mesmo ano. O cearense era, pois, quase nove meses mais moço que o paulista. Martim, porem, acintoso como quem mais o fosse, não admitia que Capistrano lhe levasse essa vantagem:

— O Capistrano gaba-se de ser da minha idade, isto é, de haver nascido em 1853 . . . Entretanto, logo em 1864, era autor do romance "A douda" . . . É crivel que, com apenas onze anos, alguem já seja romancista ?

Capistrano sorriu, indiferente ao remoque, e Afonso de Taunay indagou, surpreso:

— Isso é verdade, Dr. Martim?

O interpelado suspendeu o mastigo, levantou-se, foi a uma estante, num gabinete vizinho, e de lá voltou com um livro:

— Aquí está a "Revista do Instituto Histórico Brasileiro". Veja o que diz a ata da sessão de 19 de Agosto de 1864: — consigna que «*o Sr. C. DE ABREU ofereceu um exemplar de seu romance "A Douda" à biblioteca do Instituto*». Não digo nada sem provas! Acredito no romance de 1864! No que não acredito é que Capistrano, seu autor, tenha nascido, como eu, em 1853 ...

O *Cariri Jaguaribara* continuava calmo e sorridente, limitando-se a repetir que era mais moço que Martim. Só em S.-Paulo, no refúgio de sua biblioteca, Afonso de Taunay descobriu a perfídia confiada de Martim Francisco. O "Dicionário" de Sacramento Blake elucidava que *C. de Abreu* era um tal *Claudino de Abreu*, tipógrafo ... Capistrano de Abreu não ignorava isso, mas, como achava graça na insidiosa invenção de Martim, consentia que ele a assoalhasse sem contestação.

Em 1924, Capistrano pretendeu demorar-se pouco em casa de Martim, em S.-Bernardo. Alegava que precisava passar uns dias na praia, quando tomaria banhos de mar com Domingos Jaguaribe.

Martim opôs-se:

— Os banhos de mar e o ar da praia lhe são contra-indicados. Vão azougar a sua artério-esclerose. Mas ... eu só imagino Capistrano em traje de banhista! Como no verso alexandrino,

Ao avistá-lo, o mar recua, espavorido ...

Capistrano sorriu e concordou:

— Você não precisa advertir-me de que sou feio ... Reconheço não somente isso, como tambem que você é bonito, que você é mesmo muito bonito. Para dizer a verdade, essa sua formosura lhe vem de sua mãi, por que seu pai era bastante feoso: — gordo demais, balofo, amarelado ... Você, felizmente, saiu alto, bem apessoado e, não, baixote como seu avô, "o Patriarca" ...

— Baixote, não senhor! Meu avô era meão.

— Baixote, sim, inteiramente baixote. Ainda encontrei, no Rio, muita gente que o conheceu e dele me falou com abundância de informes: — José Bonifácio era baixote.

— Era meão! Os seus informantes já o viram velho e curvo.

— Deixe-se de prosa! Era baixote e bem baixote.

Vendo que Capistrano não cedia, Martim batia em outra tecla:

— Na praia, naturalmente, você, como de costume, irá poetar com e Domingos Jaguaribe ...

— Que tem isso? Divertimo-nos, cantando desafio, à semelhança dos violeiros do norte. É uma alegre reminiscência de nossa infância no Ceará ...

— E quantas amabilidades vocês trocam nos tais desafios!

— Coisas piores eu ouço aquí de você, e nunca nos intrigamos...

— Mas você, Capistrano, leva uma desvantagem com o Domingos Jaguaribe. Você se chama *João*, nome de rimas faceis e abundantes, mormente em aumentativos que o ridicularizam. Para o Domingos, seu rival, você só encontra, como rima, *pingos* e *respingos* ... De forma que se vê forçado a tratá-lo por *Minguinho* ou *Mingote* ... E olha a beleza dos improvisos:

Dominguinho, Domingote,
Tu tens cara de caçote ...

Por estas e outras é que, um belo dia, Afonso de Taunay ouviu de Capistrano de Abreu, numa rua da capital paulista:

— Arribei de S.-Bernardo! Necessitava tomar um pouco de ar na tromba. Martim está impossivel. Nunca vi tanta teimosia, nem tanto sarcasmo! Que homem intoleravel! capaz de fazer perder a paciência ao santo varão Jó!

Repito que Dona Zé era o anjo guardião da amizade dos dois velhos, frequentemente desavindos. A Afonso de Taunay ela explicou:

— Estou habituada ... A teima, entre eles, dura há mais de trinta anos. Já uma vez, Capistrano saiu de nossa casa zangado deveras, furioso mesmo. E passados três dias, Martim e ele continuaram a correspondência animada que mantem desde 1895. Não sei o que escreveram; sei, porem, que amainou logo o furacão.

Estimavam-se, queriam-se os dois afetuosamente. Capistrano de Abreu, avesso a pieguismos, timbrava em ocultar as próprias emoções, mas o General Dionísio de Cerqueira o viu "completamente desarvorado", por ocasião dos funerais de Martim Francisco ...

* * *

Acenei-vos, outro dia, com uma referência ao *béguin*, quero dizer, ao xodó de Capistrano pelos cantadores. E ainda há pouco, apoiado em Afonso de Taunay, não esquecí os debates versificados entre Capistrano de Abreu e Domingos Jaguaribe. Agora, escudo-me num depoimento de Coelho Neto. Quando o insigne romancista maranhense d"O Rei Negro" tinha assento no Congresso Nacional e levava vida mais folgada, costumavam jantar em sua casa, às quintas-feiras, alguns brasileiros ilustres, de sua maior intimidade. Numa noite dessas, Coelho Neto retardou a chegada ao domicílio e, ao entrar no jardim de sua casa, na Rua do Roso, estranhou uns esquisitos acordes pianísticos e dois vozeirões que se alteavam na sala de visitas. Era D. Gabí Coelho Neto, esposa do escritor, tentando acompanhar ao piano Capistrano de Abreu e Sílvio Romero, cada qual mais desentoado,

cantando trovas da musa anônima. Indiferentes à desafinação, ambos clamavam que aquilo, sim, aquilo é que era poesia!

* * *

Constâncio Alves, que na Academia Brasileira de Letras sucedeu a Paulo Barreto e foi substituido por Vitor Viana, era um publicista pouco familiarizado com o público, de vez que porfiava em subscrever com as iniciais *C. A.* sua substanciosa colaboração no "Jornal do Comércio".

Em 1921, quando eu assistia, na Capital Federal, ao lançamento de meu livro de estréia, testemunhei um diálogo que aumentou meu respeito por Constâncio Alves. Cumprindo uma exigência estatutária, loteara ele no livro "Figuras" alguns dos seus ensaios, para com tal volume poder candidatar-se à Ilustre Companhia. O diálogo, por mim ouvido, foi travado entre o livreiro-editor Castilho e Rui Barbosa:

— O Sr. Constâncio Alves está publicando um livro, a fim de poder disputar o próximo pleito acadêmico. Acha V. Excia., Sr. Conselheiro, que esse livro garantirá a eleição do Sr. Constâncio Alves?

E Rui, com aquela voz debil e de olhos volvidos para as lombadas de uns tomos franceses recem-chegados:

— O Constâncio já devia estar conosco, há muito tempo. Não é uma honra que se lhe faz: ele é que vai honrar a Academia.

Desde esse dia, palavra, lembrado do consagrador conceito de Rui Barbosa, comecei a olhar Constâncio Alves com atenção mais respeitosa. Sim, por que o velho cronista sintonizava com Capistrano de Abreu, não unicamente nas iniciais — C. A. — do jamegão, mas tambem na erudição enciclopédica e . . . no desmazelo do vestir.

Foi Constâncio quem ofereceu, em Outubro de 1928, à Academia Brasileira de Letras, um exemplar, de tiragem especial e com retrato do autor, dos "Capítulos de História Colonial". E, ao fazê-lo, graciosamente gizou um perfil do grande morto de 13 de Agosto de 1927. E esse perfil resultava de reminiscências anedóticas que fixavam facetas da psicologia de Capistrano. Donde se vê que açafateio, em palavrório meu, muita verbiagem prestigiada pelo testemunho de vultos cuja probidade intelectiva serve de penhor à autenticidade dos incidentes recordados.

Capistrano de Abreu era dono de paupérrimo guarda-roupa, se é que ele se dava ao luxo de possuir semelhante traste . . .

Professor do "Colégio Pedro II", era um mestre que nunca se encasacava, à maneira dos demais lentes, quando figuravam em bancas examinadoras, durante os concursos para o docência no grande estabelecimento de ensino secundário. Nessas solenidades, ele aparecia abotoado num vasto sobretudo. Alguem sabia se, por baixo, havia, ou não, uma casaca? Sabia-se . . . Sabia-se que NÃO HAVIA. Capistra-

no enganava o Regulamento do Colégio, mas não enganava o auditório, qual o reticenciou Constâncio.

Houve tempo em que era proibido, no Rio, viajar-se sem gravata nos três bancos dianteiros de qualquer bonde. Uma ocasião, Capistrano apanha um veículo da *Light*, toma assento num nos tais três primeiros bancos e entregou-se à leitura de um livro. Vem o condutor cobrar-lhe a passagem e, sem saber que glória nacional estava alí, autoritariamente lhe fala:

— Não sabe que, neste banco, ninguem viaja sem gravata?

O alfinetado nem deu confiança de olhar o grosseirão:

— De gravata estou! Não sei é por onde ela anda... Se você tem interesse nisso, procure!

Efetivamente, o laço da gravata de Cspistrano estava por baixo da sebenta gola do paletó preto, bem atrás, no toitiço...

Por que Capistrano de Abreu não fosse um "tipo alinhado", só os conhecidos o identificavam.

Um equívoco burlesco. Desavindo com Melo Morais Filho, Capistrano agredira-o num tópico, sem assinatura, da "Gazeta de Notícias", redatoreada por Ferreira de Araujo. O folclorista do "Cancioneiro dos Ciganos" resolveu processar criminalmente o seu injuriador, para o que requereu a exibição do autógrafo.

O solerte Ferreira de Araujo dispunha de um lhegalhé que, nessas conjunturas, assumia a responsabilidade das diatribes estampadas na "Gazeta". Quis mandá-lo apresentar-se na audiência, mas a isso Capistrano se opôs. Não admitia! Iria ele próprio arrostar as consequências do que, justa ou injustamente, escrevera.

E foi. Ao vê-lo, o Escrivão, longe de adivinhar a quem falava, perguntou, escarninho:

— Como é seu nome? Você agora está substituindo o outro? É você, agora, o testa-de-ferro da "Gazeta"?

É de indispensavel, obrigatório engaste nestes linguados o soneto em que Américo Facó retratou o muito fotogênico, o inconfundivel *Cariri Jaguaribara*. Este quatorzeto é uma obra prima de fidelidade. Lendo-o, ouvindo-o, a gente vê, a gente revê Capistrano, despenteado, mal vestido, com aquele sestro de apertar as pálpebras, humilde no aspecto e arrogante no trato:

Olhos semi-cerrados de quem poupa
A luz dos próprios olhos... Indolente...
Cabelos, barbas de esfiapada estopa,
Para trás, para os lados, para a frente...

Uns ares filosóficos de gente
A quem a vida vai de vento em popa...
Liga mais ao passado que ao presente,
E liga à vida como liga à roupa.

Calçado sem tacão, chapéu sem aba . . .
Pobre, com aparência de usurário
E ao mesmo tempo de morubixaba:

Tal este é o Capistrano, o bem amado
Velho erudito, o vivo Dicionário
Da História Pátria . . . mal encadernado!

Havia lá quem, vendo Capistrano, atinasse quem ele fosse?

Comecei com Afonso de Taunay e com ele concluo. Gravemente enfermo, o Conselheiro Martim Francisco mandou chamar um amigo, para lhe confiar o encargo de acompanhar os trabalhos de composição e impressão de uma obra póstuma. Esse amigo acorreu ao chamamento. Seu entendimento com Martim foi breve. E, enquanto confabulavam os dois, um visitante chegou, que permaneceu na sala de espera, ouvindo a voz veemente de Martim Francisco:

— Sei que vou morrer e confio-lhe a publicação do meu livro. Olhe! não consinta que me alterem uma palavra, não permita que me toquem numa vírgula! Você me promete isso? Onde escreví LADRÃO, é para sair LADRÃO, mesmo! Não quero, nem depois de morto, ter complacências com os delapidadores dos dinheiros públicos!

Retirando-se o misterioso confidente de Martim Francisco, o visitante recem-chegado, que era o ilustre paulista Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos, estranhou ver um indivíduo malamanhado e de barba agreste. E, ao falar a Martim Francisco, perguntou-lhe o nome daquele homem exquisito, a quem ele acabava de provar tanta confiança e amizade, fazendo-o seu procurador *post-mortem*.

O valente Andrada caiu das nuvens:

— Então, você não o conhece? Aquele homem é, simplesmente, a maior cerebração do Brasil: — é Capistrano de Abreu!

III

(Sessão de 4 de Novembro de 1942)

Começo emendando a mão, ou dando um dito por não dito.. Refiro-me ao nariz de cera da minha fala na sessão de 20 de Outubro. Já não está quem falou na quezília com as palestras a prestações. Vivam estas! Espaçadas ou intermitentes, propiciam repouso às oiças do auditório estoico. Apanhando-vos de novo, assim descansados ao longo de toda uma quinzena, chego a não ter remorsos de recalcitrar...

* * *

O escritor Joaquim Ribeiro, no livro em que faz o relato da vida anedótica de seu pai, patenteia que, pelo saber, pelo viver devo-

tado aos livros e refractário à sociabilidade, pela incúria das vestes e pela distração, muito se assemelhavam Capistrano de Abreu e João Ribeiro.

Oh! as distrações de Capistrano ... Muita coisa se diz que não deve passar de simples lenda. Assim, jamais liguei à narrativa irreverente e idiota segundo a qual o glorioso cearense entrou numa casa de pasto, pediu um bife, mas tão no mundo da lua se encontrava, que comeu o guardanapo, limpou a boca no bife e foi-se embora, sem pagar ao *garçon* ...

Mas Capistrano era distraido, lá isso ele o era. O Dr. Vicar de Paula Pessoa garantira-me que, uma noite, Capistrano de Abreu saiu da casa de Pandiá Calógeras, enfiando na cabeça, não o seu chapéu amarfanhado, mas vistosa cartola não sei de quem. Felizmente, o proprietário da *chaminé* deu, em tempo, pela falta desta. Foi despachado um portador a ver se encontrava Capistrano, que devia estar na esquina, à espera de um bonde. Ele estava realmente alí, mas indiferente ao trânsito dos veículos, a ler pachorrentamente um livro, à luz de um combustor e ostentando no "alto da sinagoga" o luzidio pelo da cartola que não era sua ...

Narrei isso ao Dr. Jorge da Rocha e recebi confirmação:

— Deve ser verdade. Na casa do ministro Francisco Sá, sempre que Capistrano se retirava após o habitual jantar em certo dia da semana, Dona Olga, esposa do ministro, costumava advertir, em voz alta: — *"O Capistrano vai sair!"* Era um aviso aos donos de chapéus, por que o velho historiador apanhava infalivelmente o primeiro que lhe estivesse ao alcance das mãos ...

Valdez Correia escreveu que o General Luiz Sombra era tão íntimo de Capistrano, que, várias vezes, foi seu hóspede. Cedo a palavra a Valdez Correia, para referir gozada distração do sábio que nunca teve cabeça para aprender qual fosse o seu chapéu:

«Uma noite de verão, palestravam os dois. Capistrano, deitado na sua inseparavel rede, ouvia o General falar sobre o Ceará, de onde acabava de chegar. O calor e a conversa demorada deram sede.

— Que tal uma cervejinha agora?

— Boa idéia. Mas o anfitrião sou eu — disse Capistrano.

Ele havia recebido naquele dia os seus vencimentos do "Colégio Pedro II". Tirou, pois, uma nota de duzentos mil réis e mandou o criado comprar a cerveja. Na manhã seguinte, Capistrano procura o dinheiro e não o encontra. Luiz Sombra fica aflito, remexe a papelada do porão desarrumado, rebusca pelo chão e nada.

— Homem, só se foi o criado ...

— Não é possivel. É pessoa de minha confiança.

E o fato caiu no esquecimento. O General, porem, ficara intrigado com a coisa e não desanimara de achar o troco. Uma tarde, Capistrano chega da rua. Vinha cansado, arrastando-se no seu passinho

miudo, já trôpego. Senta-se na rede e, custosamente, levanta a perna para descalçar-se. Luiz Sombra, que estava ao lado, teve a sua atenção despertada para o baque de uma coisa pesada que caía no chão. Olhou e viu que era o troco .... Dera-se o seguinte. O criado pusera o bolo de notas e niqueis na ponta da cadeira. À noite, certamente, Capistrano se embalando na rede esbarrou na cadeira e o troco caiu. Em baixo, e próximo, estava, porem, o seu botinão de elástico, com a boca escancarada, pronto para receber aquela surpresa. Pois, tão grande era a abstração de Capistrano, que ele calçou a botina durante vários dias e não percebeu aquele volume incômodo dentro do calçado . . .»

* * *

No meu primeiro bate-papo, deixei dito que Capistrano de Abreu era de trato pouco ameno. Se era?!

Um rapaz cearense, dispensado da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, resolveu ir tentar a vida no Rio-de-Janeiro. Foi na terceira classe de um navio do *Lloyd* que a sarapantada criatura aportou à Guanabara. No bolso levava uma carta de apresentação e algumas dezenas de mil réis. Estas não orçavam pelos dedos das mãos. A carta era do Sr. Sebastião de Abreu, apresentando e recomendando ao mano Capistrano o jovem que perdera o emprego em não sei que construção federal.

Não obstante fosse ajuizado e, por prudência, gastasse apenas o estritamente indispensavel, não tardou em que o pobre moço estivesse em dolorosa situação, sem vintem, isto é, *soletrando cancão em breve*, o que, na Cidade Maravilhosa, é uma esfrega tantálica. Mas, num dia de fome curtida com resignação, lembrou-se da tal carta. Indaga daquí, indaga dalí, ei-lo em casa do destinatário.

Capistrano recebeu-o, espichado na rede, armada quase rente ao solo. Leu a carta e, voltando-se, na tipóia, apanhou do chão um pedaço de papel, escreveu a lapis qualquer coisa breve; dobrou o escrito e; entregando-o ao recomendado de Sebastião, falou, carrancudo:

— Procure o Bulhões e dê-lhe isto!

— Mas .... eu nem sei quem é Bulhões, nem onde ele mora ...

— Pergunte! Quem tem boca, vai a Roma.

O postulante saiu e, mal ganhou a rua, quis ver o que Capistrano havia escrito, sem se lembrar, ao menos, dum envelope. No papelucho lia-se, em garrancheira caligráfica:

«Bulhões

Este rapaz é cearense.

C.»

O pobre coestadano estarreceu e até suspeitou que Capistrano

fosse maluco. O lacônico bilhete não mostrava interesse algum pela sorte do portador. Nem uma palavra amiga, e uma simples letra como assinatura .... Positivamente, o tal "cearense glorioso" era doido e a família não sabia ...

E os dias foram decorrendo, o parafuso foi acochando, quero dizer, a necessidade foi ficando com cara de hereje, quando senão quando o triste desempregado, falando a um conhecido sobre o incidente, boquiabriu, ficou de queixo caido, ao saber que *Bulhões* era o Dr. Leopoldo de Bulhões, Ministro da Fazenda e amigo afeiçoado do cearense exquisitão.

O rapaz atirou-se no rumo da residência do Dr. Bulhões. Encontrou-o de saida, e, anunciando-lhe ser portador de um bilhete de Capistrano de Abreu, o Ministro amenizou a cara de circunstância com que o olhara, decifrou os hieróglifos capistranescos, sorriu e ... daquela data em diante, houve mais um cabeça-chata, senão "arremediado", pelo menos vantajosamente colocado na metrópole.

O fato subsequente mostra, tambem, não só o prestígio de Capistrano junto às figuras da alta administração nacional, como a sobranceria com que ele lhes formulava qualquer pedido.

O engenheiro Vicar de Paula Pessoa ainda pertencia ao Exército e ainda não era catedrático do Colégio Militar de Fortaleza, quando, no Rio, recebeu a desconcertante notícia de que fora removido para Mato-Grosso. Não achando graça alguma em deixar a gostosura das avenidas cariocas pelo provavel convívio com os nhambiquaras e parecís, o Tenente Vicar teve o desprazer de uma semana de enjoadas apreensões. Ele sabia que o titular da pasta da Guerra, o paisano Pandiá Calógeras, tinha especial afeição pelo cronista d"O Brasil no século XVI" e atenderia, de certo, a uma solicitação sua. O *busilis* estava em conseguir que Capistrano se mexesse. Vicar, porem, não se deu por vencido nem desanimou, indo ter ao célebre porão, onde o historiador vivia rodeado de livros.

Alí, expôs a Capistrano de Abreu a apertura em que se achava, e lhe rogou que arranjasse o cancelamento do ato de transferência. Por precaução, havia levado um "taxi". Metidos no carro, o interessado foi pormenorizando o caso, a fim de que o padrinho o pudesse discutir com Calógeras.

No Ministério, Capistrano embarafustou de portas a dentro, como costumava, e Vicar ficou na sala de espera. Passam-se os minutos e o Vicar, suando frio, com o pensamento na conta do "taxi" ... Finalmente, depois de uma demora que lhe pareceu de um século, eis reaparece Capistrano, vindo já com o chapéu à cabeça. Tomam os dois o carro e, logo adiante, pergunta o Vicar, ansioso:

— Então, que disse o Ministro?

— Ai, menino! eu me esqueci de falar no seu caso ... Vamos voltar.

Voltaram, e, entrando pela segunda vez no gabinete do Ministro, Capistrano, apresentando um cartão de Vicar, foi logo desentalando:

— Calógeras, este oficial é de minha terra. Está aquí e foi transferido para Mato-Grosso, mas não pode sair do Rio. Mande fazer um ofício para eu próprio o levar, agora mesmo, desmanchando essa remoção.

A despesa do "taxi" foi de bom tamanho, mas quem com ela *gemeu*, sorria, contente, na certeza de não ir para os cafundós de Cuiabá.

Não asseguro, "vendo o peixe pelo preço por que comprei": — contaram-me, no Rio, que, ao se cogitar das comemorações do Centenário da Independência, o Presidente Epitácio Pessoa mostrou-se desejoso de ouvir a opinião de Capistrano de Abreu, a propósito do programa das festas, e mandou convidá-lo a ir ao Palácio do Catete.

A resposta foi dura. Capistrano retrucou que só ia aonde tinha negócios. Quem tivesse negócios consigo, que o procurasse em sua casa.

O Dr. Epitácio achou graça na caturrice, mesmo violenta, e submeteu-se à imposição. Foi falar a Capistrano de Abreu. E sabem como este recebeu o Chefe da Nação? Da maneira como estava, filosoficamente, na paz doméstica: — nu da cintura para cima, por que era escaldante o calor carioca . . .

O Imperador Pedro II, com ou sem razão, dizia que o nosso José de Alencar era "homem inteligente, mas muito malcriado". Qual o juizo que, com carradas de razão, o Presidente Epitácio fazia do tambem nosso Capistrano? . . .

* * *

Encaixo aquí uma pergunta inocente: — Capistrano (como direi?), Capistrano *dobrava o cotovelo?* Vimos, há instantes, que ele pegou nos ares a proposta, digo, que ele concordou imediatamente, quando o General Luiz Sombra lhe alvitrou uma cervejinha. Isso de UMA, Deus me perdoe, com certeza é um modo de dizer . . . Acho lá possivel que dois homens ocupem um terceiro em ir comprar apenas *uma* garrafa de cerveja, e logo com uma pelega de duzentões!

Outras leituras corroboram a minha suspeita de que Capistrano não era rigorosamente abstêmio. Assiz Chateaubriand alude às "horas" em que teve Capistrano de Abreu como companheiro, amesendados os dois no "Bar Americano". Ora, eu sei o que estou dizendo e não se me negará autoridade para garantir que ninguem se senta, em vão, no "Bar Americano", e que os líquidos alí servidos pertencem à categoria dos pecaminosos.

Lastimo os desencontros. Nunca vi Capistrano quebrar o preceito da temperança. Resta-me, em todo caso, o consolo de ter visto um grande e íntimo amigo dele. Uma das maiores surpresas da minha vida estouvada foi assistir, nesse "Bar Americano", a um brasi-

leiro eminente dar cabo, em poucos minutos, de não sei quantos *chopps* duplos. Sustento que não estou com conversa mole de "ouví dizer". Falo por que fui testemunha. O ilustre compatriota tanto era expedito no entornar os copázios, como no enxugar a vegetação pilosa do rosto vermelho, ao lamber os beiços, regalado. Gostei de ver, palavra, gostei de ver o Dr. Arrojado Lisboa . . .

Relevai que eu insista. Há meses, quando do batismo, no Rio-de-Janeiro, do avião "Capistrano-de-Abreu" doado ao "Áero-Clube do Pará", Assiz Chateaubriand repisou que costumava fazer libações *(sic)* com Capistrano. De uma feita, os dois beberam, de uma assentada, quatro garrafas de "Vinho Mosela" no "Hotel Internacional", no Silvestre, e sairam "vaporosos, suspensos no ar". Guardemos o testemunho: — «Nessas ocasiões era que o espírito de Capistrano atingia a sua maior acuidade. Era quando o pitoresco no seu humor encontrava faiscas mais cintilantes.»

* * *

Em "O Brasil Anedótico", Humberto de Campos foi sobremaneira parcimonioso nas referências a Capistrano. Menciona apenas uma frase dele e faz-lhe outra alusão forçada, em a qual Capistrano aparece como vítima de uma inventiva da dicacidade de Emílio de Meneses.

Para lhes não tirar o sabor, transpagino literalmente para aquí o que escreveu Humberto:

«Dois jornalistas, redatores d"A Manhã", do Rio, foram procurar Capistrano de Abreu, para entrevistá-lo sobre o problema social no Brasil. Ao encontrá-lo na rua, para solicitar-lhe um encontro, o erudito misantropo disse-lhes logo, hostil:

— Estou em casa sempre até às 11 do dia e depois das 9 da noite. Se quiserem ir, vão; se não quiserem, não vão. Para mim é indiferente . . .

No dia seguinte, houve a visita. O misantropo, deitado em uma rede e cuspindo numa lata, achou que o país estava perdido. Tudo, uma lástima. E concluiu, feroz:

— Agora andam falando em reforma constitucional. Querem atribuir os erros à lei . . . . Eu proporia que se substituissem todos os capítulos da Constituição, decretando: — "Artigo Único — Todo brasileiro fica obrigado a ter vergonha!"

E cuspiu na lata.»

Agora a piada *perversa* do epigramista paranaense:

«Entre as figuras de relevo que serviam de alvo habitual à satira impiedosa de Emílio de Meneses, estava Capistrano de Abreu, historiador ilustre, sábio respeitadíssimo, em torno do qual se criara uma glosadíssima lenda de desleixo, de abandono próprio, e, mesmo, de falta de higiene. Utilizando essa versão popular, contava o poeta:

— Uma vez o Capistrano mandou à tinturaria, para ser lavado, um terno com que andava há doze anos. Uma semana depois, aparece-lhe à porta um empregado do tintureiro, e entrega-lhe um embrulho pequenino, que lhe cabia na mão . . .

E, como lhe perguntavam o que seria, Emílio concluia, invariavel:

— Eram os botões, menino!»

Pilhéria, pura pilhéria. Emílio assoalhava que a fazenda do terno se diluira, quando o tintureiro a lavou. Não faltava tambem quem dissesse que o paletó preto de Capistrano dispensava cabide, ou não precisava ser pendurado. O sujo o encorpara tanto, que o danado não se amarfanhava, mas se agoentava em pé, no meio da sala . . .

Achava era graça nessas fantasias da imaginação de seus contemporâneos, o homem superior que só fazia a barba quando cortava o cabelo, e que só cortava o cabelo nas quatro festas do ano . . .

Não perdôo a Humberto de Campos ter sido tão sóbrio em relação ao anedotário daquele de quem, no volume "Crítica", afirmou: — «Capistrano foi o Nazareno da história de nossa formação. Como o Filho de Deus, ele, que era portador da mais alta sabedoria, pouco mais fez do que escrever na areia, para apagar depois. Como Jesús, porem, ele possuia os seus discípulos, e está tendo agora os seus evangelistas, divulgadores da sua palavra.»

Esse final entende com a "Sociedade Capistrano de Abreu", e a palavra de Capistrano que tal sodalício deve divulgar é a palavra falada, ou não escrita. Urge que um dos "evangelistas" se devote ao trabalho exclusivo de recompor o perfil do fascinante conversador que tinha horror ao bodum, ou fartum, dos dominadores eventuais e não tinha papas na lingua para o julgamento dos homens e coisas do seu tempo.

Eduardo Prado, a pesar dos requintes do seu granfinismo mundano e intelectual, abalava do interior de S.-Paulo, para arredar Capistrano, do Rio, e levá-lo a alguns dias de ampla cavaqueira na fazenda, onde os privilegiados hóspedes logo se sentiam como em casa própria, graças à britânica e espaventosa legenda "*Welcome to Brejão!*", visivel entre galhardetes. Que "faiscas cintilantes" *(honni soit . . .)*, que "faiscas cintilantes" não chispariam do colóquio entre Eduardo Prado e o intransigente patriota que rompia relações pessoais com quem escrevesse Brasil com *z!*

* * *

Em *lero-lero* anterior, não esquecí que o Conselheiro Martim Francisco, aliás tambem livre pensador, censurava Capistrano por se permitir "graçolas de mau gosto com Jesús-Cristo", esquecendo-se da recomendação proloquial — "Muitas graças a Deus, e poucas graças com Deus".

Quem mais se esforçou por demover Capistrano de Abreu do

agnosticismo de que fazia praça foi sua filha Honorina, que, tornada freira, a ele se dirigiu, monja e poetisa, neste enternecido apelo filial:

«*A meu Pai*

Foste tu, caro Pai, que do seio do Eterno
Me arrancaste e trouxeste a este mundo, a esta vida!
Quando eu desabrochei — qual flor recem-nascida —,
O sol que me aqueceu foi teu amor tão terno.

Teu sangue é o sangue meu. Teu trabalho paterno
Ganhou-me o pão com que crescí e fui nutrida...
Ah! quanto te custei! quanta dor! quanta lida,
Desde o teu quente estio até teu frio inverno!

E, agora, dá-me a mão! É noite. Vem comigo!
Vem, que te levarei a Jesús, teu Amigo,
Que te espera, ansioso... Oh! dize-me que sim!

Foste meu Pai, e eu tua Mãi serei agora:
Dar-te-ei a eterna luz de que me deste a aurora,
Dar-te-ei, por esta vida, — a vida que é sem fim!»

Não sei como morreu Capistrano... Lembro-me, todavia, de que, quando faleceu Medeiros e Albuquerque — ateu a quem a morte surpreendeu numa emboscada —, Costa Rego apanhou este flagrante da câmara mortuária em que não havia velas acesas, nem a imagem do Crucificado:

«Imponente no seu físico, muito alto, o Dr. Belisário Távora, que é um católico praticante, inclinou-se em face do ataude de Medeiros e Albuquerque, à volta do qual não existia uma chama, nem coisa nenhuma que violasse os desejos daquele inimigo de Deus. Correto em sua postura, o Dr. Belisário Távora vencia a emoção do quadro, apertando entre os dedos da mão direita a corrente do relógio, como se esta fosse um rosário; e rezava, positivamente rezava, dando a máxima homenagem de sua crença à máxima expressão da impiedade com que brilhara e se extinguira aquela grande inteligência.»

Quaisquer que tenham sido seus últimos momentos — reconciliado com Jesús, ou irredutivel na sua descrença —, Capistrano de Abreu merece as reverências de todos os brasileiros, sem distinção de credos religiosos.

Não sei — repito — como fechou os olhos à vida o apaixonado dialetista das selvas, gramático dos nossos aborígenes. Sei que, quando o corpo de Capistrano de Abreu desaparecia numa cova, alguem simbolizou, no cemitério, a alma enlutada de todo um povo: — foi um índio matogrossense, que, chorando convulsivamente, traduzia, na mais eloquente das linguagens, a dor do Brasil!